

EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO TRÂNSITO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA ENFERMAGEM*
 [Educating for a healthy traffic behavior: a nursing contribution]
 [Educación y salud en el tránsito: una contribución de la enfermería]

Vanina Battisti Roberti Bova**
 Marilene Loewen Wall***

RESUMO: Trata-se de um relato de experiência que teve como objetivo geral sensibilizar crianças em idade escolar sobre a importância de um comportamento saudável no trânsito, visando a diminuição do alto índice de acidentes de trânsito envolvendo pedestres e ciclistas e, como objetivos específicos, realizar atividades educativas estimulando as crianças a adotarem um comportamento saudável no trânsito, bem como serem multiplicadores desse conhecimento entre as pessoas com as quais convivem e elaborar material didático sobre a prevenção de acidentes no trânsito. Para isso foram realizados dois encontros educativos com crianças de 4ª série de uma escola municipal na região metropolitana de Curitiba, nos quais desenvolvemos atividades práticas como dinâmicas de grupos e aulas participativas. Pode-se observar com essa prática que a educação em saúde no trânsito é a principal forma de sensibilizar as pessoas para um comportamento saudável no trânsito, contribuindo assim para a diminuição dos acidentes envolvendo pedestres, ciclistas e condutores, ou seja, seres humanos.
PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; Educação em Saúde; Acidentes de Trânsito.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, ocorrem 45 mil óbitos decorrentes de acidentes de trânsito e deixam aproximadamente 377 mil feridos por ano. A cada 22 minutos uma pessoa morre em acidente de trânsito e a cada 7 minutos acontece um atropelamento⁽¹⁾.

Durante o estágio do último período de graduação em Enfermagem da UFPR observou-se que em Curitiba e região metropolitana, no ano de 2004, o Sistema Integrado de Atendimento ao Trauma e Emergência - SIATE - do Cor-

po de Bombeiros atendeu 9.042 vítimas de acidentes de trânsito, sendo que 2.244 foram vítimas de atropelamentos, ficando em terceiro lugar no índice de atendimentos a traumas na região.

Durante o estágio na empresa concessionária obtivemos dados levantados, ainda não publicados, de que na rodovia BR 277 Curitiba – Paranaguá, no ano de 2004, foram atendidas 2.928 vítimas de trauma por acidentes de trânsito e, dessas, 116 foram vítimas de atropelamentos, ou seja, aproximadamente 4%. Podemos perceber que, de todos os acidentes que ocorrem muitos deles são evitáveis, visto que a maioria ocorre por imprudência dos motoristas e pedestres. No caso dos atropelamentos, o descuido e o descaso dos pedestres e ciclistas é a principal causa e podem ser evitados através da educação e conscientização no trânsito.

Assim esse estudo traz o relato de experiência, de uma prática educativa sobre saúde no trânsito, realizada com crianças em idade escolar, que teve como objetivos sensibilizar crianças sobre a importância de um comportamento saudável no trânsito, visando a diminuição do alto índice de acidentes envolvendo pedestres e ciclistas.

Para isso foram realizadas atividades educativas estimulando as crianças a adotarem um comportamento saudável no trânsito, bem como serem multiplicadores desse conhecimento entre as pessoas com as quais convivem, e como estratégia de aprendizagem, elaborou-se material didático sobre a prevenção de acidentes no trânsito. Vale ressaltar que o tema é muito atual, a situação ocorre diariamente, porém os estudos e escritos são ainda escassos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O índice de mortes e acidentes de trânsito nas rodovias federais que cortam o país cresceu e o balanço anual da Polícia Rodoviária Federal revela que 6.162 pessoas morreram nas estradas federais no ano de 2002, um aumento de 7,92% em relação aos números registrados em 2001, onde ocorreram 5.710 mortes. Os acidentes, segundo o balanço, cresceram 6,15%, sendo registrados 108.881 acidentes no ano

*Monografia de Conclusão de Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná.

**Acadêmica de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná.

***Enfermeira. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná, Mestre em Assistência de Enfermagem pela UFSC. Orientadora.

de 2002 contra 102.576 no ano de 2001. O número de feridos também acompanhou a alta: passou de 58.107 para 59.615 casos em 2002 ⁽¹⁾.

A rede de hospitais Sarah fez um levantamento entre os anos de 1999 a 2000, e observou-se que no conjunto das internações por acidentes de trânsito, os atropelamentos constituíram o terceiro tipo mais freqüente. A baixa representatividade estatística das internações por atropelamento parece confirmar, portanto, a alta taxa de mortalidade das vítimas desse tipo de acidente, conforme demonstram diversos estudos nacionais e internacionais. Na presente pesquisa, considerando-se a idade na época do atropelamento, a faixa etária de 5 a 15 anos representou 39,2% do total dos pedestres atropelados, com destaque para as idades de 8 e 10 anos ⁽²⁾.

Há vários fatores que diferenciam a criança do adulto no que concerne a competência daquelas como usuários do trânsito. Tais fatores podem ser classificados sob três aspectos: o fator físico, refere-se a menor estatura, que limita o campo visual da criança e, por outro lado, sua detecção por parte dos condutores; o fator perceptual-cognitivo, limitação para julgar a origem/direção dos sons dos veículos que se aproximam, menor acuidade visual: apenas 1/3 da visão periférica do adulto e menor percepção de profundidade; e o fator socio-attitudinal, dificuldades em dividir sua atenção entre as várias atividades motoras e visuais requeridas, alto grau de distração e desconhecimento e/ou pouca experiência da dinâmica do trânsito ⁽²⁾.

No cotidiano do trânsito, é freqüente a observação de atitudes inadequadas por parte de alguns condutores, que prejudicam o bom desempenho do trânsito, representando riscos a eles próprios e aos demais usuários da via pública. Essas atitudes são denominadas genericamente como "desvios comportamentais no trânsito". Para Martinez, a introdução do ensino de trânsito nas escolas em todas as faixas etárias, transmitindo conceitos por intermédio das diversas matérias curriculares é uma das formas de combater esses desvios comportamentais no trânsito ⁽³⁾.

Nos acidentes de trânsito, geralmente as vítimas dos atropelamentos se encontram em estado grave, visto que a gravidade dos atropelamentos mantém direta relação com as características físicas e com a dinâmica dos corpos em conflito. O fato de a energia cinética aumentar em proporção muito maior do que a velocidade confere aos atropelamentos conseqüências particularmente severas dada a vulnerabilidade de um corpo frente a um veículo ⁽⁴⁾.

Em crianças com idades abaixo de cinco anos, estudos apontam a preponderância de lesões na cabeça e pescoço, a partir da explicação provável da lesão se dar devido à altura da criança em relação aos pára-choques dos veículos envolvidos. A criança é atingida, geralmente, pelo pára-choque na parte mais alta dos membros inferiores e

no dorso pela dianteira do capô ⁽⁴⁾.

Segundo a pesquisa da Rede Sarah, as lesões ortopédicas e as lesões cerebrais (Traumatismos Crânio-Encefálicos) foram as principais causas de internação dos pacientes vítimas de atropelamento. Os atropelamentos apresentaram, por conseguinte, um padrão de lesão diferente do observado nos demais tipos de Acidente de Trânsito, nos quais a lesão medular constituiu a principal causa de internação ⁽⁴⁾.

Em estudos realizados em Porto Alegre, do total de 1.470 internações decorrentes de acidentes de trânsito, 129 (8,8%) evoluíram ao óbito, na sua grande maioria em função de lesões cerebrais ou medulares (80%). Vários estudos têm demonstrado que, independente do tipo de acidente de trânsito, as lesões envolvendo a cabeça e a medula constituem-se na principal causa de óbito. Dentre os pacientes com lesões ortopédicas, as lesões em membros inferiores tiveram acentuada representatividade, respondendo por 81% das lesões ortopédicas verificadas ⁽⁵⁾.

Segundo o Ministério da Saúde, a Educação em Saúde é uma prática social, sendo um processo que contribui para a formação e desenvolvimento da consciência crítica das pessoas a respeito de seus problemas de saúde e que estimula a busca de soluções e a organização para a ação coletiva. Essa prática rejeita a concepção estática de educação, entendida, apenas, como transferência de conhecimentos, habilidades e destrezas. Em um sistema baseado na participação, a prática educativa é parte integrante da própria ação da saúde ⁽⁶⁾.

A principal forma de prevenção dos acidentes de trânsito é a educação, promovendo a mudança de comportamento, apesar de ser um trabalho que exige tempo. A educação sanitária é uma aprendizagem através da qual se procura modificar favoravelmente hábitos e atitudes influenciando o comportamento com respeito à saúde. Essa aprendizagem é um processo lento e muitas vezes encontra resistência ⁽⁷⁾.

Na primeira infância, os processos de imitação são muito mais freqüentes do que, por exemplo, o aprendizado pelo sucesso, pelo condicionamento e pelo conhecimento. Essa é uma dificuldade encontrada no que se refere ao comportamento no trânsito, pois se o adulto se comporta de forma incorreta, a criança irá aprender a forma incorreta através da imitação. Por isso a educação no trânsito deve atingir inclusive os pais e adultos que convivem com as crianças ⁽⁸⁾. Tudo aquilo que a criança aprende, costuma exercer profunda e duradoura influência na conduta do homem por toda a vida. Segundo ele, uma campanha contra acidentes na infância não se limitará a esta, mas deve atingir os adultos, muitas vezes responsáveis pelos acidentes ocorridos com as crianças ⁽⁷⁾.

Para que as crianças aprendam de forma eficiente é

necessário que sejam realizadas atividades que despertem um certo interesse pelo assunto tema. De acordo com Said, "as dinâmicas contribuem para a promoção de um ambiente educativo mais interacionista, que utilize o lado lúdico, que permita a auto-expressão, a participação em grupo, a solução de problemas e o alcance da autonomia" (9:11).

Para que o ensino seja eficaz, os professores devem estar conscientes das dificuldades que seus alunos encontram e em quais aspectos as encontram. Por isso, concordo com Moraes quando afirma que "através de uma educação sanitária bem conduzida o indivíduo é levado a modificar velhos hábitos e a aceitar as novas informações para o seu próprio bem-estar" (7).

3 RELATANDO A EXPERIÊNCIA

Para a concretização deste trabalho foram feitos dois encontros educativos, cada um, com duas horas de duração, durante o horário escolar, com 8 turmas de 30 alunos, da 4ª série, com idades entre 9 e 12 anos, numa escola municipal localizada próxima à rodovia BR 277 Curitiba-Paranaguá, na região de São José dos Pinhais, no período de 09 a 20 de maio de 2005.

As atividades desenvolvidas com as crianças foram, na maioria, práticas e em local aberto, ao ar livre, no pátio da escola. Para realizar o desenvolvimento das atividades foi feita uma programação, seguindo um cronograma com horários estabelecidos.

3.1 PROGRAMAÇÃO DO PRIMEIRO ENCONTRO

Inicialmente, faz-se uma apresentação do instrutor e dos alunos, na qual cada um fala seu nome, idade e o que mais gosta de fazer. Em seguida é feita uma introdução sob a forma de conversa informal sobre a importância da vida. Logo após é realizada uma dinâmica, com a intenção de atrair a atenção dos participantes.

Dinâmica das bexigas

Os participantes, em trios, deveriam manter uma bexiga no ar por um determinado tempo, apesar das limitações físicas ou obstáculos.

Importante: a bexiga representa a "vida" dos participantes, simbolizando a fragilidade e a delicadeza da vida que eles devem proteger.

Objetivos: Vivenciar as dificuldades encontradas diante das deficiências físicas; compreender as próprias dificuldades e as dos outros; evidenciar o companheirismo, a solidariedade, o trabalho em equipe, a paciência, a compreensão, a tolerância, etc.

Tempo: 10 minutos para o jogo + 30 minutos para a troca de experiências.

Procedimentos:

Obstáculos ou Deficiências: Um participante com as mãos amarradas atrás, um participante com as pernas amarradas juntas e um participante com os olhos vendados.

Dividir o número de participantes em três e solicitar que cada grupo escolha uma cor de fita (são três cores, cada cor representa um obstáculo ou deficiência que ainda não foi revelada); Formar os trios, cada participante com uma cor diferente, representando o obstáculo ou deficiência; o instrutor amarra as mãos de um participante, amarra os pés de outro participante e, finalmente, venda os olhos do terceiro participante; O instrutor entrega uma bexiga vazia para cada trio, que deve encher e amarrar; O instrutor passará as regras: a bexiga deverá ser mantida no ar, se ela cair, deverá ser levantada e continuar com o jogo, até que seja dado o sinal de encerrar;

Os participantes deverão ser orientados sobre a segurança: não chutar, somente usar os joelhos, os ombros e cabeça para manter a bexiga no ar.

Obs: Mudar o significado da cor da fita para cada turma, para que os participantes das outras turmas que ainda não participaram da dinâmica não tenham como saber qual será seu obstáculo, através das turmas que já participaram.

Reflexão sobre a dinâmica:

Fazer algumas perguntas para que os participantes possam compartilhar as sensações experienciadas, como: o que significou a brincadeira? Quais as dificuldades encontradas? o companheiro ajudou? O que significou essa ajuda do companheiro? Como foi a experiência?

Fechamento da dinâmica:

O instrutor deve fechar a dinâmica com um enfoque positivo, motivador, instigando os participantes a se envolverem com a causa, a se sentirem parte do processo, colocando a necessidade de cada um desenvolver o seu papel de multiplicadores do conhecimento para que o trânsito fique mais seguro.

Em seguida apresenta-se o tema Noções de Trânsito, por meio de uma aula expositiva dialogada. Inicia-se com algumas perguntas como: o que sabem sobre o trânsito? Como devem se comportar na rua? O que é certo e o que é errado no trânsito? Evidenciar os principais problemas encontrados no comportamento como pedestres.

Com a participação das crianças obtém-se uma lista dos assuntos mais relevantes e importantes para a realidade deles, como por exemplo: usar a passarela, andar nas calçadas, usar o cinto de segurança, etc, assim temos noção de por onde começar a falar do trânsito.

Logo após é abordado o tema "Comportamento no Trânsito" através de uma aula expositiva, comentando-se: como andar nas calçadas e passarelas; como atravessar as ruas, avenidas e rodovias com e sem sinalização; como se

comportar como ciclistas, respeitando os pedestres; como se comportar como condutores de veículos, usando cinto de segurança, não fumar, não falar no celular enquanto dirige; noções de sinalização e placas de trânsito.

A aula é encerrada com um resumo dos assuntos discutidos, com um tempo estimado de 45 minutos.

3.1.1 Relatando o 1º encontro educativo

Iniciamos com nossa apresentação, dizendo o nome e explicando que estávamos lá para conversar com eles sobre nosso comportamento no trânsito para evitar acidentes e para torná-los nossos colaboradores na função de levar esse conhecimento adiante. Em seguida continuamos com as apresentações, nas quais eles falavam o nome, idade e o que mais gostavam de fazer.

Logo em seguida conversamos as experiências que eles tinham sobre um acidente de trânsito envolvendo-os, ou mesmo alguém conhecido. Praticamente 90% de todos os alunos, conheciam alguém que já havia sofrido um acidente ou havia sido atropelado.

O próximo foi o momento da dinâmica, o melhor para eles, pois o limite de tempo que estavam conseguindo prestar atenção já estava se esgotando. Foi uma alegria geral. As dinâmicas tinham justamente esta intenção, chamar a atenção para o tema de forma agradável. A atividade da Dinâmica das Bexigas inicialmente foi, para eles, somente uma brincadeira. O momento da reflexão os fez pensar sobre o que significou a brincadeira e que ensinamentos poderiam tirar disso. A grande maioria percebeu que se tratava de uma experiência na qual se passavam por pessoas que sofreram acidentes e ficaram com seqüelas, impedindo-as de se movimentarem ou de enxergarem. Segundo alguns alunos a experiência não foi boa, sentiram-se inseguros, com medo, abandonados, suscetíveis a acidentes por causa das deficiências e dependentes dos colegas. Entenderam a importância de andar sempre em segurança para evitar os acidentes e, conseqüentemente, as seqüelas, pois se mostraram assustados com a idéia de dependerem de alguém para tudo o que quisessem fazer, para o resto da vida.

Este foi o início do trabalho para promover uma mudança de comportamento, através das próprias experiências. Foi o momento de fazê-los pensar que eles ficaram naquelas condições por alguns minutos, será que já imaginaram ficar para sempre? Essa reflexão os fez entender a importância de se comportarem de forma adequada e segura no trânsito.

Logo em seguida passamos a conversar sobre a questão do comportamento no trânsito. Iniciamos fazendo perguntas sobre o que eles sabiam sobre o que era certo e errado no trânsito. Todos participaram citando normas das quais

já tinham conhecimento. Os itens que foram citados foram sendo anotados no quadro de giz e a partir deles foi que começamos a ministrar a aula sobre as noções de trânsito, complementando o que iam dizendo e incluindo novas informações sobre as quais ainda não tinham conhecimento.

A partir desse método utilizado de aula expositiva dialogada, com a participação dos alunos, pudemos perceber que eles possuem muito conhecimento dos deveres enquanto pedestres ou passageiros de veículos. Foram motivados a ensinar inclusive os pais, pois, apesar de serem adultos, podem não saber a forma correta de se comportar no trânsito e as crianças, a partir dessa aula, já adquiriram conhecimentos necessários para orientá-los no que é certo e errado. É aí que elas entram como multiplicadoras do conhecimento e provocam mudanças de comportamento.

Finalizamos o primeiro encontro enfatizando a responsabilidade que eles estavam adquirindo, em passar o conhecimento adiante. Pedimos que quando chegassem em casa contassem para todos sobre esta aula e que lhes ensinassem tudo que lhe foi ensinado, como uma "lição de casa". Em uma das turmas um aluno entregou, ao final da aula, um desenho feito por ele, de um cruzamento com uma motocicleta parada no semáforo, com placas de sinalização, faixa e pedestres e uma mensagem dizendo: "ande sempre nas calçadas". Foi emocionante receber aquele carinho, por ser um gesto espontâneo dele. Mas foi uma sensação de que "valeu a pena", pois comprovou o aprendizado, sendo uma motivação para levar esse projeto adiante.

3.2 PROGRAMAÇÃO DO SEGUNDO ENCONTRO

No início deste encontro é realizada uma revisão dos assuntos abordados no último encontro sobre as noções de trânsito. E, logo em seguida, é colocada em prática a dinâmica descrita abaixo.

Dinâmica dos olhos vendados

Os participantes se revezam ao serem conduzidos por seus colegas, de olhos vendados. Essa dinâmica tinha como objetivos: estimular a confiança, a percepção e atenção dos participantes, motivar os participantes a levar o conhecimento adiante para seus familiares e amigos e colocar em prática os conhecimentos, num ambiente descontraído, interessante e motivador.

Tempo: 10 minutos para cada lado + 30 minutos para a troca de impressões.

Procedimentos:

Formar pares com os participantes, e solicitar que se identifiquem um com A e o outro com B; A deve conduzir B por uma caminhada, B estando com os olhos vendados. A deve guiar B, sem tocar no corpo, apenas pelo comando da voz: direita, esquerda, pare, ande tantos passos, etc. A deve acompanhar a velocidade de B e levá-lo onde

for necessário expor B a algo diferente (tato, ruído, obstáculo). Por sua vez B deve ficar receptivo aos seus órgãos dos sentidos e aos comandos de A. A deve começar girando B, lentamente, algumas vezes. Alguns obstáculos utilizados podem ser pedras no caminho, cadeiras, paredes, muros, os colegas das outras equipes, montes de areia e outros de acordo com as possibilidades. O instrutor deve dizer que a segurança do conduzido é responsabilidade do condutor e que ele deve zelar por aquela vida (tanto para A como para B); Se o local permitir, este exercício pode ser feito ao ar livre.

Reflexão da dinâmica:

Fazer perguntas para que os participantes possam compartilhar as sensações experienciadas: O que A sentiu conduzindo B? O que A sentiu sendo conduzido por B? O que B sentiu conduzindo A? O que B sentiu sendo conduzido por A? O que representa os olhos vendados? (aqui o instrutor poderá fazer comparativo com o tema principal da aula, ex: os olhos vendados significam a falta de conhecimento, a pessoa que não se importa com a vida ou a pessoa que não quer ver o perigo, etc). O que representa A conduzindo B e vice-versa? (aqui o instrutor poderá suscitar a responsabilidade de passar o conhecimento adiante, o companheirismo no qual um cuida do outro e vice-versa, o comprometimento com a vida dele e dos outros com quem convive).

Fechamento da dinâmica: o instrutor deve fechar a dinâmica motivando a responsabilidade e o comprometimento das crianças em serem multiplicadores do conhecimento com o papel de ensinar todas as pessoas que precisam para evitar que ocorram os acidentes por falta de conhecimento e de atenção. Eles devem se sentir importantes para contribuir com um trânsito mais seguro.

Neste momento são feitas considerações finais e entrega-se um folder contendo todas as informações que foram passadas durante as atividades, juntamente com um pirulito.

3.2.1 Relatando o 2º encontro

Foi uma satisfação voltar às turmas para realizar o segundo encontro e ver que algumas professoras aproveitaram o tema do primeiro encontro para inspirar-se e continuaram reforçando a educação no trânsito com as crianças, pois chegávamos nas salas de aula e alguns alunos estavam com os cadernos abertos sobre a mesa com figuras de sinalização, semáforos e normas de trânsito.

Iniciamos a aula com uma revisão dos assuntos abordados no encontro anterior e ficamos satisfeitas em observar que se lembravam de tudo que tínhamos falado. Ficaram prestando atenção no comportamento das pessoas na rua e comparavam com o certo e o errado que tinham apren-

dido, ou seja, realmente incorporaram o papel de “agentes modificadores de comportamento no trânsito”.

Em seguida foram apresentadas as placas de sinalização, as de advertência, de regulamentação, de informações e de localização.

A próxima atividade foi a dinâmica dos olhos vendados. Apesar de ser uma brincadeira, eles entenderam a ligação com a realidade devido ao encontro anterior. Por isso levaram a sério quando explicamos que seria como se a vida do companheiro estivesse em suas mãos. Guiaram os companheiros que estavam com os olhos vendados com muita responsabilidade e cuidado por todos os obstáculos que o pátio da escola oferecia.

No momento da reflexão da dinâmica eles tiveram uma certa dificuldade em entender quem representava o companheiro que estava com os olhos vendados, mas logo entenderam quando expliquei que ele simbolizava as pessoas que não conhecem a forma correta de se comportar no trânsito e que o guia representava eles mesmos, como “professores”, como por exemplo eles ensinando um irmão mais novo que ainda não sabe andar na rua sozinho. Sentimos que essa responsabilidade de “ensinar”, os fez sentirem-se “importantes” perante seus amigos e família.

No encerramento do segundo encontro foi reforçada a importância de andar sempre em segurança para prevenir acidentes e preservar a vida e foi entregue para cada aluno um folder^(10,11) com o resumo das aulas e um pirulito.

De todas as turmas recebemos um “muito obrigado”, num coro. As professoras demonstraram muito carinho e agradeceram pelo trabalho realizado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades educativas foram iniciadas por meio de conversas informais, onde nos apresentamos, para que pudessem se sentir mais a vontade ao conversar e contar as experiências, compartilhando com os outros colegas. Foi importante essa participação, porque tomamos como base essas histórias para exemplificar e reforçar a importância da segurança no trânsito.

O resultado por parte dos alunos foi observado através do comportamento deles após as aulas. Uns chamavam a atenção dos outros pela forma como estavam andando na rua nos horários de entrada e saída das aulas. Quando eu chegava na escola, todos os dias, estava servindo de exemplo para eles, pois eles comentavam que tinham me visto e que eu estava atravessando a rua na faixa de pedestres. Essa era uma das coisas que procurávamos sempre prestar atenção, no próprio comportamento, pois estávamos sendo uma referência para eles.

No final dos dois encontros recebemos desenhos de alunos sobre os temas que foram abordados. Foi um ato

espontâneo, o que particularmente valorizamos muito, é um sinal evidente de que a proposta fez uma diferença para aquelas crianças.

Na escola esse projeto foi bem recebido, as professoras tinham consciência da importância da prevenção. Uma prova disso foi que elas cederam suas aulas para que pudessemos trabalhar com as turmas durante o horário escolar, e a maioria delas, após os encontros, aproveitaram o tema "trânsito" para reforçar o assunto em algumas aulas.

A importância do trabalho vem da sensibilização para provocar uma mudança de comportamento nas pessoas. O trânsito só vai melhorar se cada um, pedestre, ciclista ou condutor, fizer a sua parte para evitar os acidentes e aumentar o respeito com os outros usuários das vias públicas.

De acordo com Ramos, "o enfermeiro é um dos profissionais de saúde que tem a educação em saúde como processo particular de trabalho" ⁽¹²⁾.

Acreditamos que por meio da educação em saúde colaboramos para tornar essas crianças sensíveis a um comportamento saudável no trânsito, contribuindo assim para a diminuição dos acidentes envolvendo pedestres, ciclistas e condutores, ou seja, seres humanos.

ABSTRACT: It is an experienced account whose general goal objectified to make schoolchildren aware of the importance of a healthy traffic behavior, aiming to decrease the high accident rates involving pedestrians and cyclists; as to specific goals, perform educational tasks in order to encourage children for the adoption of a healthy traffic behavior and motivate others they live with to do the same, besides working out a didactic material on prevention of traffic accidents. Thus, two educational meetings were held with 4th graders of a municipal school in the metropolitan area of Curitiba City, Paraná State/ Brazil, where group dynamics and highly motivating classes were carried out. By means of this practice, it was observed that traffic education is the best way to make people aware of having a healthy traffic behavior, thus contributing for the decrease of accident rates involving pedestrians, cyclists and drivers, that is, human beings.

KEY WORDS: Nursing; Health education; Accidents, Traffic.

RESUMEN: Es un relato de experiencia que tiene por finalidad general sensibilizar chicos en edad escolar acerca de la importancia del comportamiento saludable en el tránsito, con el objetivo de reducir el alto índice de accidentes de tránsito que envuelven pedestres y ciclistas. Los objetivos específicos son: realizar actividades educativas, estimulando los chicos a un comportamiento saludable en el tránsito y a multiplicar esse conocimiento entre las personas con las

cuales viven. También se propone elaborar un material didáctico acerca de la prevención de accidentes en tránsito. Para eso, fueron realizados dos encontros educativos con chicos de 4.º año de la escuela municipal en la región metropolitana de Curitiba, los cuales se desarrollaron actividades prácticas, como juegos y clases participativas. Se observó con esa práctica que la educación en la salud y en el tránsito es la principal manera de sensibilizar las personas para un comportamiento saludable en el tránsito, contribuyendo, así, para la reducción de los accidentes que envuelven pedestres, ciclistas y conductores, es decir, seres humanos.

PALABRAS CLAVES: Enfermería; Educación en salud; Accidentes de tránsito.

REFERÊNCIAS

1. Pires MJF. Portal do trânsito. 1998. Disponível em: <<http://www.transitobr.com.br>> (03 jun 2005)
2. Sarah. Prevenção de acidentes. Hospital Sarah, [2000]. Disponível em: <<http://www.sarah.br>> (04 jun 2005)
3. Martinez Filho A. Desvios comportamentais no trânsito. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br>> (06 jun. 2005)
4. Sarah. Dinâmica do atropelamento. Hospital Sarah, [2000]. Disponível em: <<http://www.sarah.br>> Acesso em 04 jun. 2005.
5. Ott EA et al. Acidentes de trânsito em área metropolitana da região sul do Brasil – Caracterização da vítima e das lesões. Rev Saúde Públ 1993; 27(5):350-6.
6. Ministério da Saúde (BR). Secretaria Nacional de Ações Básicas de Saúde. Divisão Nacional de Educação em Saúde. Pressupostos de educação em saúde. Brasília, [2003]. p.9. Disponível em: <<http://www.saude.rj.gov.br/viversaude/educa.htm>> (06 jun 2005)
7. Moraes LL. Medicina preventiva. São Paulo: Byk-Prociencx; 1985.
8. Müller K. Psicologia aplicada à educação. São Paulo: EPU; Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 1977.
9. Said FA. Dinâmicas pedagógicas na perspectiva da educação em saúde. Curitiba; 2001.
10. Paraná/DER – Diretoria Administrativa/Financeira. Cartilha do Programa Prática Educativa de Trânsito. 26. ed. Paraná; 2005.
11. Kutianski MLA, Araújo SJM. Educando para o trânsito. São Paulo: Kalimera; 1999.
12. Ramos FRS. O processo de trabalho de educação em saúde. In: _____. Para pensar o cotidiano: educação em saúde e a práxis da Enfermagem. Florianópolis: UFSC; 1999. p.16-63.

ENDEREÇO DOS AUTORES:
Rua Pedro Siemens, 94
Curitiba-PR - 81830-020
mlwall@uol.com.br